

Psicopedagogia e Gerontologia Social: Inter-relações possíveis

Júlia Eugênia Gonçalves

Introdução

Meu processo de envelhecimento foi acompanhado por algumas restrições em relação ao meu trabalho psicopedagógico com crianças, que exigia de mim energia e movimentos físicos, tais como se sentar no chão, correr, pular obstáculos, dentre outros.

Por uma coincidência daquelas que somente a vida pode oferecer, passei a receber clientes adultos no consultório e a perceber que este público se apresentava como uma oportunidade de trabalho muito interessante, que permitia a continuidade de minha atividade profissional nesta fase da vida, já que não exigia tanto esforço físico como o público infantil. Aos adultos, seguiram-se pessoas idosas que me procuraram para realização de diagnóstico psicopedagógico, seguidos de processos de intervenção.

Como já disse o poeta *Caminhante não há caminho, o caminho se faz ao caminhar*, (Machado,1999) comecei a trilhar os caminhos da busca por bibliografia acerca do trabalho psicopedagógico com adultos e idosos e só encontrei um artigo isolado lá e outro cá.

Fui pesquisando em áreas afins e percebi que havia um vasto horizonte de estudos diante de mim. Assim, o interesse por este assunto se aprofundou e minhas pesquisas resultaram na publicação de um livro, em 2020.¹

Passei a receber solicitações para ministrar cursos a este respeito e assim o fiz, com bastante sucesso.

Como a curiosidade é a base da aprendizagem e ela sempre esteve presente em mim, busquei estudos que pudessem contribuir com minha formação pessoal neste campo de estudos e encontrei o curso “O envelhecimento na perspectiva da Gerontologia Social” ofertado pelo Espaço Longevidade/Portal do Envelhecimento, que me abriu novas perspectivas e novos entendimentos,

¹ Gonçalves, J.E. Psicopedagogia para Adultos e Idosos: diagnóstico e Intervenção. Rio de Janeiro, WAK, 2020.

constituindo-se numa oportunidade significativa em meu processo de aprendizagem.

Este depoimento traz as reflexões acerca dos conhecimentos que adquiri no curso e como estabeleci relações com a Psicopedagogia, área de conhecimento e de atuação a qual me dedico há mais de 40 anos.

Psicopedagogia e Gerontologia Social

Fui em busca do conhecimento sobre Gerontologia, para enriquecer minha prática com adultos e idosos no consultório psicopedagógico. Convém aqui estabelecer a diferença que a Psicopedagogia traça entre informação, conhecimento e saber. A informação é veiculada pelos meios de comunicação em geral e traz para a pessoa as primeiras abordagens sobre um tema ou algum assunto em particular; o conhecimento é obtido por meio do estudo sistematizado, está contido em livros ou artigos científicos e o saber é prático, está incorporado ao sujeito, faz parte de suas experiências mais concretas. Fernández assim explicita estas diferenças:

O conhecimento não pode ser transmitido diretamente em bloco. O ensinante transmite-o através de um signo. É necessário um modelo, um emblema do conhecimento. Escolhe-se uma situação, faz-se um recorte, transmite-se conhecimento e também a ignorância. Além disso, não se transmite, na verdade, conhecimento, mas sinais desse conhecimento para que o sujeito possa, transformando-o, reproduzi-lo. O conhecimento é conhecimento do outro, porque o outro, porque o outro o possui. (Fernandez, 2001, p. 62)

Como muito bem diz esta autora, conhecimento e ignorância estão sempre lado a lado e foi assim que eu tomei a decisão de me matricular no curso “O envelhecimento na perspectiva da Gerontologia Social”. Conectei-me com minha ignorância a respeito deste assunto e fui em busca deste conhecimento.

Porém a reação dos filhos, quando souberam que estava matriculada no curso, foi a seguinte: “Mãe, para que isso? Você já sabe tudo! Eles expressaram uma ideia errônea, de senso comum, já que eu posso ser profissional de referência em Psicopedagogia, mas nenhum ser humano é capaz de deter todo um saber. Somos seres *aprendentesensinantes*, ou seja, aprendemos e ensinamos durante toda a vida.

Somos os seres que não apenas aprendem, mas seres que “vivem aprendendo”... Somos os seres do aprendizado, logo, os seres do ensino e, logo, da educação... (Brandão, C.R., 2022, p. 64)

Confesso que não tinha ideia do que seria possível aprender neste curso. Possuía somente informações esparsas sobre Gerontologia. Logo na primeira disciplina me surpreendi com as informações acerca da diferença entre longevidade e expectativa de vida. A espécie humana pode viver 120 anos?

Incrível! A leitura dos textos de José Eustáquio Diniz Alves² sobre demografia, sugeridos pela professora, trouxeram novas possibilidades de pensar o envelhecimento. Além disso, conectei-me com estereótipos e preconceitos que não tinha consciência de que habitavam em mim: Não aceitava ser chamada de velha, como se fosse algo depreciativo. Cheguei até a escrever um artigo³ a este respeito, citado nas referências bibliográficas.

Envelhecer, para mim, foi um processo natural. Continuei trabalhando e estudando mesmo depois de aposentada, pois sempre acreditei que o movimento é constitutivo da vida e a criatividade que encontro em minhas atividades acadêmicas como docente e coordenadora de cursos de pós-graduação mantiveram-me ativa. Talvez, por isso, não me considerava “velha”. Meu envelhecimento trouxe, além disso, mudanças em minha vida familiar, com a saída dos filhos de casa, a chegada dos netos e a avosidade. Atualmente vivo a expectativa da bisavosidade, algo inusitado em minha geração.

Os seniores de hoje são a primeira geração a experienciar viver esta fase adulta prolongada, marcada pela coexistência de identidade múltiplas. É um dado novo poder ser simultaneamente filho, neto, pai, avô, professor e aluno, ajuda/apoio para outro e ajudado/apoiado por outro. (Côrte, B.; Mercadante, E. F e Arcuri, I. G., 2006, p. 50)

Os cuidados com a saúde da pessoa idosa me trouxeram novas informações e me tocaram no fundo da alma, pois me levaram a refletir a respeito da escuta e do toque, aspectos que estão relacionados com o conceito de corpo em Psicopedagogia. Na perspectiva psicopedagógica, o conceito de corpo é distinto do de organismo. Pain (1999) traça a diferença entre organismo e corpo:

Enquanto o organismo faz-nos pensar num aparelho de gravação programada, o corpo parece-nos mais próximo de um instrumento musical... O organismo tem a ver com o indivíduo, o corpo, ao contrário, pertence ao sujeito e se constitui ao mesmo tempo que ele. (Pain, 2009, p. 24)

Como estou passando por uma situação de doença prolongada de um familiar, em estado terminal, percebi que meus conhecimentos estavam desconectados de minha prática e passei a dar mais atenção à esta pessoa, intensificando o toque em sua pele, colocando em prática o cuidado emocional trabalhado em sala de aula.

Por outro lado, em meu trabalho psicopedagógico, não refletia sobre a morte. Aprendizagem é processo vital (Maturana, 2001) e esta perspectiva embasava sempre minha intervenção mesmo com as pessoas idosas às quais atendia e penso ainda hoje que isto foi um fator positivo em meu trabalho como especialista em aprendizagem.

² Alves, J. E. D. É possível e desejável desacelerar o ritmo do envelhecimento populacional? Portal do Envelhecimento, 14/08/2025.

³ Idoso, Velho ou Antigo? (2022)

Havia cogitado a internação deste familiar numa Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), mas a leitura do livro *Tentativas de Fazer Algo da Vida*, citado também nas referências bibliográficas, me levou a questionar o papel destas instituições, sobretudo em nossa realidade brasileira. Daí resolvi aguardar o desenvolvimento da situação para tomar uma decisão mais assertiva.

Nessa mesma aula também recebi informações a respeito das atividades de vida diária que foram significativas para os cuidados com meu marido que tem doença de Alzheimer. Pequenas ações que eu não fazia, passaram a fazer parte de minha rotina com ele.

Estabeleci relação entre estes conhecimentos de atividades de vida diária com pessoas idosas e os conteúdos trabalhados nas classes de Educação Infantil, quando os professores desenvolvem com as crianças hábitos relacionados com vestimentas, alimentação e rotinas diárias. Percebi que há muita diferença em tais ações porque, no caso dos idosos, estão relacionadas aos perigos com acidentes.

Porém, compreendi que aí se encontra também outro perigo, relativo ao etarismo, quando o cuidador trata a pessoa idosa, infantilizando-a. Aliás, este tema, para mim, não foi novidade. Já havia estudado e trabalhado com ele em minhas classes. Como minha formação inicial, na graduação, foi em História, as questões sociais me são caras.

Apreendi que cuidados paliativos são uma possibilidade ainda distante de minha realidade de moradora de cidade do interior. Porém, que esta possibilidade precisa ser reivindicada, na medida em que as equipes médicas, muitas vezes, não a ofertam às famílias. Decidi que farei, com certeza, minhas Diretrizes Antecipadas de Vontade (DAV), conceito novo para mim, ao qual atribuí muito significado em relação à minha própria vida e morte.

Considerações Finais

Ao decidir escrever este depoimento, o fiz com a intenção de refletir a respeito do impacto do curso realizado em minha vida pessoal e profissional. Tal escolha foi pautada na surpresa, no encontro de ideias, nas descobertas com as quais tive contato nas aulas, com os professores e colegas.

Minha atuação profissional de mais de 40 anos em Psicopedagogia, como relatei na introdução, mudou radicalmente de enfoque quando envelheci, pois passei a me dedicar ao trabalho com adultos e idosos, sendo pioneira nas publicações a este respeito.

Adquirir conhecimentos sobre Gerontologia foi uma forma de me manter aprendendo e sair do lugar do saber que a família, os alunos e a sociedade me outorgam. Por outro lado, foi uma maneira de ratificar o conhecimento psicopedagógico que considera como sujeito da Psicopedagogia o ser que aprende e como seu objeto de estudo o processo de aprendizagem.

Acredito que minha participação neste curso foi relevante para minha formação pessoal, pautada em processo de aprendizagem continuada, um dos determinantes do envelhecimento ativo propostos pelos princípios das Nações Unidas.

Hoje aceito ser chamada de velha sem atribuir a esta palavra um sentido negativo. Aprendi que ser velha é minha condição atual, mas que ainda sou um ser *aprendenteensinante* e, assim, continuo a viver a vida!

Referências

Alves, J. E. D. **É possível e desejável desacelerar o ritmo do envelhecimento populacional?** Portal do Envelhecimento, 14/08/2025. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/e-possivel-e-desejavel-desacelerar-o-ritmo-do-envelhecimento-populacional/>

Brandão, C. R. **O Primata que Aprende:** Como a educação começou a acontecer. Rio de Janeiro: WAK, 2022.

Côrte, B.; Mercadante, E. F e Arcurl, I. G. **Envelhecimento e Velhice:** Um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006.

Fernández, A. **O Saber em Jogo:** A Psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

Gonçalves, J. E. **Psicopedagogia para Adultos e Idosos:** Diagnóstico e Intervenção. Rio de Janeiro: WAK, 2022, segunda edição.

Gonçalves, J. E. **Idoso, Velho ou Antigo?** Portal Amigo do Idoso. 08/05/2022. Disponível em: <https://portalamigodoidoso.com.br/2022/05/08/idoso-velho-ou-antigo/>

Groen, H. **Tentativas de Fazer Algo da Vida.** Tradução do Holandês por Mariângela Guimarães. São Paulo: Planeta, 2016.

Machado, A. **Antologia Poética** (Seleção, tradução, prólogo e notas de José Bento). Lisboa: Editorial Cotovia, 1999.

Maturana, H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana.** Organização e tradução de Cristina Magro Victos Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

Pain, S. **A Função da Ignorância.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Data de recebimento: 13/12/2025; Data de aceite: 15/05/2026

Júlia Eugênia Gonçalves concluiu os créditos do Programa de Doutorado em Ação, Comunicação e Conhecimento do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Universidade de León, Espanha, tendo obtido o certificado de suficiência investigadora. Mestra em Educação pela U. F. F. /RJ. Especialista em Psicopedagogia Clínica por E.PSI. BA, Argentina. Especialista em Ambientes Virtuais de Aprendizagem pela OEI- Organização dos Estados Ibero Americanos; especialista em Inovação e Gestão da EAD, pela USP; mediadora o PEI- Programa de Enriquecimento Instrumental de Reuven Feuerstein. Foi membro do Conselho Nacional da ABPp - Associação Brasileira de Psicopedagogia - de 1997 a 2010. Associada benemerita do Núcleo Sul Mineiro da ABPp; diretora da Fundação Aprender para Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia, em Varginha/MG. Dedicou-se há mais de 45 anos à prática psicopedagógica nos âmbitos institucional e clínico, prestando consultoria e atendendo crianças, adolescentes, adultos e idosos em terapia da aprendizagem. É autora dos livros Psicopedagogia Para Adultos e Idosos: diagnóstico e intervenção (2020), Práticas Psicopedagógicas com Adultos e Idosos (2022), Relatos de Atuação Psicopedagógica com Adultos (2025) todos pela editora WAK. Atualmente é Diretora Executiva da Fundação Aprender para Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia. E-mail: julia@fundacaoaprender.org.br. Site: <http://www.fundacaoaprender.org.br>.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.